

Funai prejudica indígenas, acusa dirigente do Cimi

—Enquanto as missões, a partir de 1968 mudaram seus métodos de atração dos índios, a Funai não só continuou seguindo os antigos hábitos do Serviço de Proteção aos Índios como conseguiu ainda pior-los, já que todas as atrações da Funai iniciadas a partir dessa época foram feitas em função dos latifúndios ou em razão de uma estrada, empregando-se métodos bárbaros. Os resultados disso têm sido os piores possíveis e a despovoação indígena é consequência disso. Além do mais, os índios perderam a vontade de viver, se viram derrotados e ficaram traumatizados”.

A denúncia é do padre Egidio Schwade, secretário do Conselho Indigenista Missionário, revoltado com a atuação da Fundação Nacional do Índio, principalmente agora quando, se discute o projeto de emancipação do índio. Segundo o padre, os índios têm sido violentados de todas as formas, seus territórios sistematicamente invadidos por latifundiários que fazem deles peões em várias fazendas, a demarcação de suas terras não vem sendo feita e na atração feita pela Funai, “o órgão se utiliza de sertanistas respeitadas, como os Irmãos Vilas Boas, para enganar a opinião pública.”

O padre denunciou a existência de 30 mil índios no País, vivendo em periferia de cidades, e acusou os generais Ismarth de Araújo (atual presidente da Funai) e Bandeira de Melo (ex-presidente), de entregar as terras dos índios Kulinas no Acre à Atlântica Boa Vista.

DESASTRES POPULACIONAIS

Para reforçar suas denúncias, o secretário do SIMI dá vários exemplos: “Os Krenakarores foram contatados em decorrência da estrada Cuiabá-Santarém. Os Avá-Canoeiros foram literalmente capturados e com foguetórios”.

“Os resultados então foram os piores possíveis: Os Avá-Canoeiros extinguiram-se nessa década.

O padre, em seguida, passou a relatar as péssimas consequências e trágicos resultados das atrações efetuadas: “Os Krenakarores passaram de 700 para 76 indígenas. Também foram transferidos de seu território para o Parque Nacional do Xingu em flagrante desrespeito ao Estatuto do Índio. Os Avá-Canoeiros foram extintos. Os Waimiri-Atroari, embora ainda resistam muito, sofreram uma despovoação terrível. Enquanto as estatísticas da Funai falam em três mil índios, eles não chegam a mais de mil indígenas. Os Surui, da Rondônia, que eram quatro mil no final da década de 60 não passam hoje de 300 indígenas. Se a opinião pública não se mobilizar dentro de menos de um ano vamos ter outro desastre: dos Arara, cujo território está sendo invadido pela Cotrijuí. E a Funai está ali, eu posso dizer isso, com um batalhão de gente capturando índios. Além disso, os Maibu e Miuruna sofreram enorme despovoação e dos pobres dos Beirão-de-Pau sobraram só 44 indígenas”.

TERRAS ROUBADAS

Mais adiante, em suas denúncias, o padre Egidio Schwade afirma que muita gente vem, sistematicamente, se beneficiando dessas atrações de índios executadas pela Funai: “O Grupo Silvio Santos ficou com parte das terras dos Krenakarores, por exemplo. Outros latifundiários estão ficando com o território dos Waimiri. Da mesma forma os Parakanãs que sofreram, também, há poucos dias duas transferências em benefício da instalação da grande barragem do Tucuruí que está sendo construída mais por interesse das multinacionais do que por causa dos interesses nacionais. As terras dos índios Kulinas foram entregues à Atlântica Boa Vista, no Acre. A frente desse projeto está o ex-presidente da Funai, general Bandeira de Melo favorecido por certidões negativas concedidas pelo general Ismarth de Araújo, atual presidente do órgão”.

“Portanto — prossegue — ao contrário do que poder-se-ia imaginar ou esperar, a Funai obedece uma função própria de abrir caminho à invasão da Amazônia. Ela é, em síntese, uma manobra elegante de integrar o índio: passa as suas terras para as mãos de outros e transforma

Em silêncio, a luta do padre

Ele não é de falar muito. Prefere a ação e nisso os especialistas o consideram um gênio. Acha que ele tem o dom de ressurgir nas regiões onde a cega luta entre índios e brancos atinge momentos mais dramáticos, embora corte esse país, de norte a sul, de ônibus com fé e força. Em busca do que acha essencial: “Fazer com que o índio brasileiro recupere a sua voz, suas terras, despertando-o diante da tragédia e frequentemente agressão da civilização”. Magro, sempre muito mal trajado, ele pode muito bem ser chamado de “o missionário da causa indígena no Brasil”.

E o padre Egidio Schwade, secretário do Conselho Indigenista Missionário, o Cimi — apóstolo da resistência indígena contra a política de integração do índio estabelecida pela Funai e contra a tomada das terras indígenas pelos latifundiários. Tentando promover maior conscientização étnica do índio brasileiro, o padre Egidio hoje é um homem carregado de amarguras, mas mantém a esperança de que o índio vai saber reagir.

os índios em peões. Veja que hoje existem até incentivos fiscais para que o latifúndio possa se firmar na terra dos índios. Na verdade, a ação da Funai é integrar o índio e entregar suas terras”.

O padre denunciou ainda o processo de demarcações das terras indígenas, alegando que a Funai nada tem feito de prático.

EM BUSCA DA SOBREVIVÊNCIA

Segundo o padre Egidio Schwade, o Cimi levantou a situação nacional dos índios e este levantamento “talvez seja o mais completo que já se fez no País em termos estatísticos”. Por ele, pode-se dizer que o Brasil tem 145 mil índios aldeados que se sabe onde estão, a que tribos pertencem e a que grupos linguísticos estão ligados. A isso poderia ser acrescentada a existência de mais uns 15 mil índios isolados, em regiões ainda não contatadas. E mais 30 mil índios destribalizados que vivem em fazendas e arredores das cidades. “Para se ter uma idéia dessa população indígena desgarrada de suas tribos, vale assinalar que somente em Manaus existem 10 mil índios. O Cimi chegou à conclusão de que existem no Brasil, atualmente, em torno de 190 mil índios” — afirma o padre.

“Os indígenas da costa brasileira após séculos de opressão, massacres, epidemias estão nos últimos anos tendo um sensível aumento populacional, acima da média brasileira. Alguns até com fenômenos de explosão demográfica como o caso dos Kaingangues”.

Conforme assegura o secretário do Cimi, a maior causa desse fenômeno, observado em algumas nações indígenas “é o aumento da consciência étnica do grupo”. Ele explica: “Através dele vários grupos passaram a ter esperança de sobreviver como povo indígena. Pode-se dizer também que com essa consciência étnica cresce também a vontade de lutar por uma terra. É o caso dos índios guaranis do Paraná que, após os massacres sofridos nas reduções dos Jesuítas, nunca mais lutaram por uma terra. E, de repente, se encontra um grupo que tem a sua cultura já assumida, não pela luta, acordado e reconquistando seu chão”.

O TRABALHO DO CIMI

“Foi o Cimi quem acordou os religiosos das diversas missões do País a fim de que enxergassem o que ocorria no norte do Mato Grosso a partir do Concílio. Em 1973 surgiu o Secretariado do Cimi para dinamizar uma nova política indígena. Já em 1975 passamos para a formação de especialistas através de cursos de indigenismo. Evoluímos a um ponto tal que hoje, as reuniões missionárias têm também a participação de elementos indígenas que ajudam a planejar a ação pastoral”.

“Quando Rangel Reis, ministro do Interior diz hoje que é necessário integrar o índio, ele está repetindo Pombal que dizia que os índios tinham o direito de terem contato com os civilizados. Na verdade, foram sempre formas capciosas de transferir terras indígenas: antes para garantir às terras para Portugal e, atualmente, em favor dos latifundiários.”